

RECADO DE PARIS

PARIS, abril — François Mauriac dá uma entrevista a um jornal dinamarquês. "Hoje não tenho mais fé. Tudo o que tinha esperado há quatro anos evaporou-se. Os franceses voltaram às suas velhas trilhas. Eu acreditava em De Gaulle, ele era minha esperança, eu o considerava como o irmão de Jeanne d'Arc vindo para fazer um milagre. E afinal ele é apenas um político! A mesma coisa aconteceu aos cristãos-democratas; quando esse partido começou, tive esperança nêle".

Queixa-se do jornalismo (que faz, escrevendo constantemente artigos em "Le Figaro"), confessa que suas idéias não concordam com a do diretor do jornal, Pierre Brisson, pois éste considera, por exemplo, Herriot um grande homem, e Mauriac acha que ele é apenas um eufante branco.

Concorda em que é um escritor católico, mas nem por isso vai buscar inspiração nas "boutiques" de objetos religiosos da praça Saint-Sulpice. Não tem vocação para evangelizar e além disso acha que Kirkegaard tinha razão quando escrevia: "Deus não é alguém de quem se fale, mas a quem se fala".

Confessa ter aproveitado a primeira ocasião para deixar de pôr os pés na Academia Francesa, composta de "imortais que não querem morrer". Conta: "Vi lá velhos caducos tentando recobrar suas faculdades mentais, defendendo-se de pneumonias com penicillina ou contentes de ter passado da idade em que se é sujeito ao cancer. Que fazer com uma gente dessas? há academicos que nunca escreveram uma palavra em toda a sua vida". Anuncia que está escrevendo uma peça, e reprova Paul Claudel por refazer sem cessar o que escreveu, "cupim da própria obra". Diz que Claudel já fez coisas inesquecíveis mas comenta: "Não quero falar mal d'ele, mas receio que esteja seguindo um mau caminho. Envelhecer como ele... Ah, não! Eu, por mim, quero sempre vêr e exprimir coisas novas, e não falsificar meu antigo "eu". Não tenho medo da morte, embora sinta uma certa melancolia ao pensar que um dia as linhas de "metro" circularão sem mim. Mas na morte o que há de melhor é saber que tudo continuará sem nós. Afinal de contas a morte é um equador magnético em relação ao qual a inclinação da bússola é nula sobre todos os pontos".

4.5150

R. B.